

BECKY ALBERTALLI
& ADAM SILVERA

E SE FOSSE A GENTE?



BECKY ALBERTALLI
& ADAM SILVERA

E SE FOSSE A GENTE?

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2018 by Becky Albertalli and Adam Silvera
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização dos autores.

TÍTULO ORIGINAL
What If It's Us

REVISÃO
Carolina Vaz
Daniel Austie

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
© 2018 by Jeff Östberg

DESIGN DE CAPA
Erin Fitzsimmons e Alison Donalty

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Anderson Junqueira

IMAGENS DE MIOLO
© Shutterstock/ art_of_sun

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A289e

Albertalli, Becky, 1982-
E se fosse a gente? / Becky Albertalli, Adam Silvera ; tradução de Viviane Diniz. -
2.ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
352 p. ; 21 cm.

Tradução de: What If It's Us
Continua com: E se a gente tentasse?
ISBN 978-65-5560-439-9

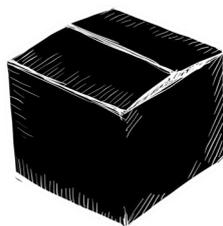
I. Romance americano. I. Silvera, Adam. II. Diniz, Viviane. III. Título.

22-77119

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

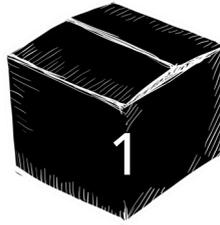
Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



PARTE UM

E se...



ARTHUR

Segunda, 9 de julho

NÃO SOU NOVA-IORQUINO E QUERO ir para casa.

Há tantas regras tácitas quando se mora aqui, como nunca parar no meio da calçada ou ficar observando os edifícios altos com ar sonhador ou gastar um tempinho lendo um grafite. Nada de mapas dobráveis gigantescos, nem pochetes, muito menos fazer contato visual. Nada de cantarolar músicas de *Dear Evan Hansen* em público. E definitivamente nada de tirar selfies na rua, mesmo se tiver uma barraquinha de cachorro-quente e uma fileira de táxis amarelos ao fundo — a imagem que, curiosamente, sempre nos vem à cabeça quando pensamos em Nova York. Você até pode apreciar tudo isso silenciosamente, mas sempre da forma mais descolada e blasé possível. Pelo que pude perceber, tudo em Nova York gira em torno disso: ser descolado.

E eu não sou nada descolado.

Vejamos esta manhã, por exemplo. Cometi o erro de olhar para o céu, só por um instante, e agora não consigo mais fazer outra coisa. Observar o mundo daquele ângulo era como vê-lo se inclinando para dentro: edifícios vertiginosamente altos e um sol flamejante.

É lindo. Isso eu sou obrigado a admitir. Nova York é uma cidade linda e surreal, e não tem absolutamente nada a ver com a Geórgia. Pego o celular para tirar uma foto. Nada de story do Instagram ou filtros. Nada demorado.

Uma foto simples e rápida.

Fúria pedestre instantânea: *Meu Deus. Vai logo. ANDA. Malditos turistas.* Levo literalmente dois segundos para tirar uma foto e agora sou a personificação da obstrução, responsável por todo o caos da cidade. Atraso do metrô, desvios no trânsito, até mesmo a resistência do vento: tudo culpa minha.

Malditos turistas.

Primeiro que nem turista sou. Meio que moro aqui, pelo menos neste verão. Não estou calmamente admirando os pontos turísticos ao meio-dia de uma segunda-feira. Estou trabalhando. Quer dizer, estou indo buscar um pedido na Starbucks, mas isso é trabalho também.

Ok, talvez eu esteja fazendo um caminho mais longo. Talvez precise ficar uns minutinhos a mais longe do escritório da minha mãe. Em geral, ser um estagiário está mais para entediante do que horrível, mas hoje o dia está particularmente péssimo. Sabe aquele dia em que a impressora fica sem papel, e não há mais nenhum no estoque, então você tenta roubar algumas folhas da máquina de xerox, mas não consegue abrir a gaveta, então aperta um botão errado e a máquina dos infernos começa a apitar? E você fica pensando que quem quer que tenha inventado essas máquinas deveria levar um tapa na cara? Tapa esse vindo de um garoto judeu de 1,70m com déficit de atenção e a fúria de um tornado. Então, sabe esses dias? Hoje está sendo um desses, e tudo que quero é desabafar com Ethan e Jessie, mas sou incapaz de mandar mensagens e andar ao mesmo tempo.

Passo por uma agência dos correios... e uau. Não há agências dos correios assim em Milton, Geórgia. Com uma fachada de pedra branca, inúmeras colunas e detalhes em bronze, é tão extraordinariamente elegante que quase me sinto malvestido. E estou de gravata.

Mando a foto da rua ensolarada para Ethan e Jessie. **Dia difícil no escritório!**

Jessie responde na mesma hora. **Eu te odeio e queria ser você.**

Aí é que está: Jessie e Ethan são meus melhores amigos desde o início dos tempos, e sempre fui o Arthur de Verdade com eles. O Arthur Confuso e Solitário, bem diferente do Arthur Animado do Instagram. Mas, por algum motivo, preciso que acreditem que minha vida em Nova York é incrível. Não sei explicar. Então estou enviando mensagens no estilo Arthur Animado do Instagram para eles há semanas, mas não sei se estou conseguindo convencê-los.

E estou morrendo de saudade, completa Jessie, mandando uma linha inteira de emojis de beijo. Minha amiga é uma vovó no corpo de uma garota de dezesseis anos. E se fosse possível mandar por mensagem uma beijoca direto na minha bochecha, ela faria. O estranho é que nunca tivemos uma dessas amizades melosas — pelo menos não até a noite da formatura. Que foi quando contei a Jessie e Ethan que sou gay.

Também estou com saudade de vocês, admito.

VOLTA PRA CASA, ARTHUR.

Só mais quatro semanas.

Não que eu esteja contando.

Ethan finalmente entra na conversa com o mais ambíguo de todos os emojis: o do sorriso constrangido. O *sorriso constrangido*, sério? Se a Jessie pós-formatura manda mensagens como se fosse minha avó, o Ethan pós-formatura está mais para um mímico. Na verdade, na maioria das vezes ele até que interage direito no grupo, mas nas conversas privadas? Vou só dizer que parei de receber as quinhentas mil mensagens que ele mandava por dia cinco segundos depois que saí do armário. Não vou mentir: é a pior sensação do mundo. Um dia desses, vou abrir o jogo com ele sobre isso, e vai ser em breve. Talvez até faça isso hoje. Talvez...

Mas então a porta dos correios se abre, revelando — sem brincadeira — um par de gêmeos idênticos usando macacões com-

binando. E bigodes com as pontas viradas para cima. Ethan ia *adorar* isso. O que me irrita. Isso acontece com bastante frequência quando o assunto é Ethan. Um minuto atrás, eu estava pronto para brigar com aquele idiota do emoji ambíguo. Agora, só queria ouvir a risada dele. Uma reviravolta emocional completa em um intervalo de sessenta segundos.

Os gêmeos passam bem devagar por mim, e vejo que os dois estão de coque. É claro que estão de coque. Nova York deve ser um planeta à parte mesmo, juro, porque ninguém ao redor sequer pisca ou acha aquilo curioso.

Quase ninguém.

Um garoto que se dirige à entrada com uma caixa de papelão para e olha quando os gêmeos passam. Parece tão confuso que eu rio alto.

E então ele olha para mim.

E então ele sorri.

E droga.

Droga, droga, droga. É o garoto mais fofo de todos os tempos. Talvez seja o cabelo ou as sardas ou o tom rosado das bochechas. E digo isso como alguém que nunca notou as bochechas de outra pessoa na vida. Mas as deles são dignas de nota. Tudo nele é digno de nota. O cabelo castanho-claro perfeitamente desgrenhado. Calça jeans justa, sapatos gastos, camisa cinza com as palavras *Dream & Bean Coffee* quase tapada pela caixa que está segurando. Ele é mais alto do que eu — mas até aí tudo bem, porque a maioria dos caras é.

Ele ainda está olhando para mim.

E inacreditavelmente consigo sorrir para ele. Vinte pontos para a Grifinória.

— Será que eles deixaram a bicicleta elétrica na barbearia hipster? Sua risada é tão fofa que fico zozzo.

— Com certeza. Na barbearia hipster-barra-galeria de arte-barra-bar de cerveja artesanal — diz ele.

Por um minuto, sorrimos um para o outro, sem falar nada.

— Humm... Você vai entrar? — pergunta ele, por fim.

— Vou, sim — respondo.

Então simplesmente entro atrás dele no prédio. Não chega nem a ser uma decisão. Ou, se for, meu corpo já decidiu por mim. Tem alguma coisa especial nesse garoto. Sinto um aperto no peito. Como se nossos caminhos *tivessem* que ter se cruzado, como se fosse inevitável.

Ok, vou admitir uma coisa aqui e sei que você provavelmente vai dar uma reviradinha de olhos. Provavelmente seus olhos já estão se revirando, mas fazer o quê? Presta atenção.

Eu acredito em amor à primeira vista. Destino, universo, encontros escritos nas estrelas, tudo isso. Mas não do jeito que você está pensando. Não sou desses que ficam dizendo *you é minha metade da laranja e só vou ser feliz ao seu lado*. Não, nada disso. Só acredito que a gente esteja destinado a conhecer algumas pessoas, e o universo as coloca de alguma forma em nosso caminho.

Mesmo numa tarde de segunda-feira qualquer de julho. Mesmo na porta dos correios.

Se bem que, vamos ser realistas — essa não é uma agência dos correios qualquer. Na verdade, está mais para um salão de baile, com seu piso lustroso, fileiras de caixas postais numeradas e esculturas de verdade, como num museu. O Garoto da Caixa caminha até um pequeno balcão perto da entrada, apoia o pacote na perna e começa a preencher uma etiqueta de envio prioritário.

Então pego um envelope em uma prateleira próxima e vou até esse mesmo balcão. Bem casual. Não precisa ser estranho. Só tenho que encontrar as palavras perfeitas para dar continuidade à conversa. Para ser sincero, geralmente mando bem em interações com desconhecidos. Não sei se é uma coisa da Geórgia ou só minha mesmo, mas, se houver um velhinho no supermercado, pode acreditar que vou estar lá verificando o preço do suco de uva para ele. Se houver uma grávida no avião, até o final do voo ela já decidiu dar meu nome para o bebê. É um talento meu.

Ou pelo menos era um talento meu, até hoje. Agora nem sei mais se sou capaz de emitir algum som. É como se um nó gigante

tivesse se instalado na minha garganta. Tento canalizar meu novaiorquino interior — descolado e indiferente. Abro um sorriso hesitante. Respiro fundo.

— Que volumão, hein.

Ai... merda.

As palavras escapam antes que eu consiga contê-las.

— Ai, não falei nesse sentido. Não quis dizer *volume*. Estou falando da caixa. É um pacotão.

Afasto as mãos para tentar explicar. Porque aparentemente essa é a melhor maneira de provar que você não está fazendo uma piadinha de duplo sentido, afastando as mãos como se estivesse relatando o tamanho de um pênis.

O Garoto da Caixa franze a testa.

— Desculpa. Eu não... Juro que não saio por aí falando do tamanho dos pacotes de outros caras.

Ele me encara e esboça um sorrisinho.

— Gravata maneira — diz.

Olho para baixo e fico vermelho. É claro que não estou usando uma gravata normal. Justamente hoje resolvi pegar uma do meu pai. Azul-marinho, com centenas de minúsculos cachorros-quentes.

— Pelo menos não é um macacão — falo.

— Bem colocado.

Ele sorri de novo... e é claro que reparo em seus lábios. Que têm o mesmo formato dos lábios da Emma Watson. *Os lábios da Emma Watson*. Bem ali no rosto dele.

— Você não é daqui, né? — diz o Garoto da Caixa.

Olho para ele, espantado.

— Como você sabe?

— Bem, você está falando comigo. — Agora é ele que fica corado. — Desculpa, não foi isso que eu quis dizer. É que geralmente só os turistas puxam assunto.

— Ah.

— Mas tudo bem, não ligo — diz ele.

— Não sou turista.

— Ah, não?

— Bem, *tecnicamente* não sou de Nova York, mas moro aqui agora. Só durante o verão, na verdade. Sou de Milton, na Geórgia.

— Milton, Geórgia — repete ele, sorrindo.

Sinto uma agitação inexplicável. Como se meus membros estivessem meio frouxos, e minha cabeça, cheia de algodão. Provavelmente estou vermelho como um tomate. Não quero saber. Só preciso continuar falando.

— Pois é! *Milton*. Parece um tio-avô judeu.

— Eu não estava...

— Na verdade, tenho mesmo um tio-avô judeu chamado Milton. Ele é o dono do apartamento em que estamos.

— “Estamos” quem?

— Como assim? Com quem eu moro no apartamento do meu tio-avô Milton?

O garoto faz que sim, e por um momento não sei muito bem o que dizer. Tipo, com quem ele pensa que eu moro? Com meu namorado? Meu namorado sexy de vinte e oito anos com alargador nas orelhas e talvez um piercing na língua e meu nome tatuado no peito sarado?

— Com meus pais — respondo, para acabar com qualquer dúvida. — Minha mãe é advogada, e a empresa dela tem um escritório aqui, então no final de abril ela veio para cá trabalhar num caso. Eu queria ter vindo também, mas minha mãe disse: *Nem pensar, Arthur, você ainda tem um mês de aula*. Mas acabou sendo melhor assim, porque acho que imaginei que Nova York seria de um jeito, e é de outro completamente diferente, e agora estou meio que preso aqui, e sinto falta dos meus amigos, e do meu carro, e da Waffle House.

— Nessa ordem?

— Bem, principalmente do carro — falo, sorrindo. — Deixamos na casa da minha avó, em New Haven. Ela mora perto de Yale, que espero, *espero*, seja minha futura universidade. Dedos cruzados. — Simplesmente não consigo parar de falar. — Bem, você provavelmente não quer saber a história da minha vida.

— Tudo bem. — O Garoto da Caixa hesita, a caixa equilibrada em uma das pernas. — Quer ir para a fila?

Faço que sim e o sigo até lá. Ele se vira para ficar de frente para mim, embora tenha uma caixa entre nós, ainda sem a etiqueta de envio, que está em cima do pacote. Tento dar uma espiada no endereço, mas não consigo ler nada, porque está de cabeça para baixo e a letra dele é horrível.

Ele me pega no flagra.

— Você é intrometido assim mesmo? — pergunta, estreitando os olhos.

— Ah. — Engulo em seco. — Mais ou menos. Sim.

Ele sorri.

— Não é nada muito interessante. Só os restos de um término.

— Restos?

— Livros, presentes, varinha do Harry Potter. Todas as tralhas que não quero mais ver na minha frente.

— Você não quer ver uma varinha do Harry Potter?

— Não quero ver nada que meu ex-namorado tenha me dado.

Ex-namorado.

O que significa que o Garoto da Caixa gosta de garotos.

Ai, meu Deus. Ok. Uau. Isso não acontece comigo todo dia. Simplesmente não acontece. Mas talvez o universo funcione de maneira diferente em Nova York.

O Garoto da Caixa gosta de garotos.

EU SOU UM GAROTO.

— Que maneiro — falo, bem casual. Então ele me olha de um jeito engraçado, e levo a mão à boca, sem graça. — Quer dizer, não “maneiro”. Meu Deus. Não. Términos não são legais. Eu só... meus pêames.

— Ele não está morto.

— Ah, certo. Sim. Eu vou...

Respiro fundo, pousando a mão por um instante na fita retrátil que delimita as filas de atendimento.

O Garoto da Caixa abre um sorriso contido.

— Certo. Então você é um daqueles caras que ficam desconfortáveis perto de gays.

— O quê? — retruco, espantado. — Não. Não mesmo.

— Aham, tá bom.

Ele revira os olhos e se vira para a frente.

— Não fico nem um pouco desconfortável — falo. — Olha, eu *sou gay*.

E o mundo para de girar. Sinto a língua grossa e pesada.

Acho que não digo essas palavras em voz alta com muita frequência. *Eu sou gay*. Meus pais sabem, Ethan e Jessie também, e comentei meio ao acaso com os outros estagiários da empresa, mas não sou o tipo de pessoa que fica anunciando isso em agências dos correios.

Mas acho que talvez eu seja, então.

— Ah. Sério? — pergunta o Garoto da Caixa.

— Sério mesmo — falo, sem a menor hesitação.

E agora, por alguma razão... quero provar isso de qualquer jeito. Queria muito ter algum tipo de carteira de identidade gay para sacar do bolso como um distintivo policial. Ou eu poderia demonstrar de outras maneiras. Nossa. Eu adoraria demonstrar de outras maneiras.

O Garoto da Caixa sorri e relaxa os ombros.

— Legal.

Ai, droga. Isso está realmente acontecendo. Mal consigo respirar. É como se o universo estivesse conspirando a meu favor.

Uma voz ressoa do balcão.

— Você está na fila ou não? — diz a funcionária com piercing no lábio, lançando raios de ódio na minha direção. Táí uma pessoa feliz de trabalhar nos correios. — Ei, Sardas. Anda.

O Garoto da Caixa me lança um olhar hesitante e vai até lá. Atrás de mim, a fila já está aumentando. E olha... não é que eu esteja *bisbilhotando* o Garoto da Caixa. Não exatamente. Mas minha atenção é naturalmente capturada por sua voz. Ele cruza os braços, com os ombros contraídos.

— Vinte e seis e cinquenta para envio prioritário — diz Piercing no Lábio.

— Vinte e seis e cinquenta? Vinte e seis dólares?

— E cinquenta centavos.

O Garoto da Caixa balança a cabeça.

— É muito caro.

— É o que tem para hoje. Pegar ou largar.

Por um instante, o Garoto da Caixa fica ali parado, sem tomar uma decisão, mas então pega a caixa de volta.

— Desculpa.

— Próximo — diz Piercing no Lábio.

Ela acena para mim, mas saio da fila.

O Garoto da Caixa bufa, indignado.

— Em que mundo enviar um pacote custa vinte e seis e cinquenta?

— Pois é — falo. — Inacreditável.

— Acho que é o universo me dizendo para esperar um pouco.

O *universo*.

Ai, droga.

Então ele é desses também. Que acreditam no universo. E não quero me precipitar nem nada do tipo, mas o Garoto da Caixa acreditar no universo é definitivamente um sinal do universo.

— Ok. — Meu coração acelera. — Mas e se o universo na verdade estiver lhe dizendo para jogar as coisas dele fora?

— Não é assim que funciona.

— Ah, não?

— Pensa comigo: me livrar da caixa é o plano A, certo? O universo não vai frustrar o plano A só para eu seguir com outra versão do plano A. Isso é claramente o universo pedindo por um plano B.

— E o plano B é...

— Aceitar que o universo é podre...

— O universo não é podre!

— É, sim. Confia em mim.

— Como você tem tanta certeza?

— Sei que o universo tem algum plano de merda para esta caixa.
— Mas essa é a questão! Você não sabe de verdade qual é o plano. Não faz a menor ideia do que o universo quer com isso. Talvez você só esteja aqui porque o universo queria que me conhecesse, para eu te dizer para jogar a caixa fora.

Ele sorri.

— Você acha que o universo queria que a gente se conhecesse?

— O quê? Não! Quer dizer, não sei. Essa é a questão. Não temos como saber.

— Bem, acho que em breve vamos descobrir. — Ele olha para a etiqueta de envio e depois a rasga ao meio, amassando-a e jogando-a no lixo. Bom, ele tenta jogar no lixo, mas erra a mira, e o papel cai no chão. — Então tá... — diz ele. — Humm, você quer...

— Com licença. — Uma voz masculina reverbera nos alto-falantes. — Gostaria de um minuto da atenção de vocês.

Olho para o Garoto da Caixa, confuso.

— Isso é...

Então ouvimos um ruído agudo repentino, e um piano começa a tocar.

E uma banda marcial adentra o salão.

Uma banda marcial.

De verdade.

A agência dos correios é tomada por pessoas com tambores gigantes, flautas e tubas tocando uma versão meio desafinada de “Marry You”, do Bruno Mars. E agora dezenas de pessoas — em sua maioria velhinhos, que pensei que estivessem na fila para comprar selos — começam a fazer uma coreografia, dando pulos no ar, rebolando e agitando os braços. Basicamente todos que não estão dançando estão filmando, mas estou atordoado demais até para pegar meu telefone. Assim, não quero me empolgar muito nem nada, mas veja bem: conheço um garoto bonito e fofo e, cinco segundos depois, estou no meio de um pedido de casamento com direito a flash mob? Poderia haver mensagem do universo mais clara do que essa?

As pessoas abrem espaço, e um cara tatuado entra de skate, deslizando até o balcão de atendimento. Está com uma caixinha na mão, mas, em vez de se ajoelhar, apoia os cotovelos no balcão e sorri para Piercing no Lábio.

— Kelsey... Meu amor. Quer casar comigo?

O rímel preto de Kelsey escorre até o piercing.

— Sim!

Ela tasca um beijo regado a muitas lágrimas no namorado. A multidão explode em aplausos.

Isso me atinge em cheio. Esse é o tipo de coisa que só poderia ter acontecido em Nova York, algo saído diretamente de um musical — a alegria escancarada, as cores vibrantes, a música retumbante. Passei o verão todo andando desanimado pela cidade e sentindo falta da Geórgia, mas de repente parece que algo se ilumina dentro de mim.

Será que o Garoto da Caixa sente o mesmo? Eu me viro para ele, com um sorriso no rosto e a mão no peito...

Mas ele desapareceu.

Minha mão desaba, sem forças. O menino simplesmente sumiu. E a caixa dele também. Dou uma olhada ao redor, conferindo cada rosto na agência. Talvez ele tenha sido carregado para longe pelo flash mob. Talvez ele fosse parte do flash mob. Talvez ele tivesse algum compromisso urgente... tão urgente que não podia nem parar um segundo para pedir meu número. Não podia nem dar tchau.

Não posso acreditar que ele nem me deu tchau.

Pensei... sei lá, é idiota, mas pensei que tivesse rolado algum tipo de conexão entre nós. Poxa, o universo basicamente pegou a gente pela mão e nos colocou frente a frente. Foi exatamente isso que acabou de acontecer, não foi? Não tem nem outra forma de interpretar esse momento.

Só que ele sumiu, simples assim. Como a Cinderela à meia-noite. Como se nunca tivesse existido. E agora eu nunca vou saber o nome dele ou como meu nome soa em sua voz. Nunca vou poder mostrar a ele que o universo não é podre.

Sumiu. Desapareceu por completo. E a decepção me atinge com tanta força que quase me curvo.

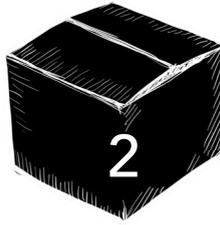
Até meus olhos encontrarem a lata de lixo.

Ok. Não estou dizendo que vou revirar a lixeira. É claro que não, pelo amor de Deus! Estou péssimo, mas não a esse ponto.

Mas talvez o Garoto da Caixa esteja certo. Talvez o universo esteja pedindo por um plano B.

E aí eu te pergunto: se o lixo não chega à lata, pode ser chamado de lixo? Porque, vamos imaginar uma coisa aqui, e isso é totalmente hipotético: digamos que há uma etiqueta de envio amassada no chão. Isso é mesmo lixo?

E se for um sapatinho de cristal?



BEN

ESTOU DE VOLTA À ESTACA ZERO.

Eu tinha uma missão. Enviar a Caixa do Término. Não sair correndo dos correios com ela. Em minha defesa, tinha muita coisa acontecendo. Tinha o Arthur, aquele menino simpático e bonitinho que claramente nunca teve o tapete puxado pelo universo antes, porque achou de verdade que estávamos destinados a nos conhecermos. Bem no dia em que eu estava tentando enviar as coisas do Hudson de volta. Tenho certeza de que Arthur deve ter mudado de opinião sobre o universo depois que aquela banda marcial nos separou.

Subo no trem e volto a Alphabet City para encontrar meu melhor amigo, Dylan. Moro na avenida B, Dylan, na D. Lá no início, ficamos amigos por causa de nossos sobrenomes, Alejo e Boggs. Ele se sentava atrás de mim no terceiro ano do fundamental e vivia me cutucando para pedir alguma coisa emprestada, lápis, borracha, folhas de papel, tudo. Até hoje ele não perdeu esse hábito, como nas vezes em que precisou usar meu iPhone duas versões mais antigas que a de todo mundo para mandar mensagens para seu Crush da Semana depois que a bateria dele acabava. A única coisa que ele *abre aspas* me empresta *fecha aspas* é dinheiro, quan-

do preciso de algum para almoçar. Digo “empresta” porque quase nunca consigo pagar de volta, mas ele não se importa. Dylan é um cara legal. Ele não liga que eu goste de garotos e eu não ligo que ele goste de garotas.

Quando desço do trem, paro diante de várias latas de lixo, prestes a me livrar de uma vez por todas da maldita Caixa do Término, mas não consigo reunir coragem.

Acho que não imaginei que fosse ficar tão mal com o fim do namoro, já que fui eu que terminei tudo. Mas como foi o Hudson que beijou outra pessoa, ainda parece que, na verdade, foi ele quem decidiu pôr um ponto final no relacionamento. As coisas não andavam bem entre nós desde que os pais dele se divorciaram, mas fui o namorado mais paciente possível. Como, por exemplo, quando deixei que ele planejasse meu aniversário e fui parar num show da banda favorita *dele*. Mas deixei passar, porque foi o primeiro show a que fui na vida, e o The Killers é incrível. Então Hudson não deu as caras no grande almoço de aniversário de casamento dos meus pais. Deixei passar de novo, porque comemorar o casamento dos meus pais depois de tudo o que se passou entre os pais dele talvez não fosse o melhor programa do mundo. Aí teve a vez em que fomos ao cinema ver uma comédia romântica sobre dois garotos, e ele falou que qualquer história de amor, até mesmo a nossa, nunca estaria à altura de Hollywood. Saí batendo o pé, chateado, e pensei que ele iria atrás de mim para se desculpar ou me chamar ou fazer qualquer coisa digna de um namorado.

Não tive notícias dele por três dias. Até que liguei para perguntar se voltaríamos a nos falar um dia. Então ele apareceu de surpresa no meu apartamento dizendo que achava que tínhamos terminado, e que por isso beijou um cara qualquer em uma festa. Implorou por outra chance, mas não, não mesmo. Terminei com ele. Pra valer. Sem chance de voltar. Mesmo que ele tivesse achado que estava tudo acabado entre a gente, não conseguiu esperar nem uma semaninha antes de seguir em frente? Bem difícil não se sentir um cocô depois disso.

Chego ao prédio do Dylan, aperto o número do seu apartamento no interfone e quase na mesma hora ele abre o portão, o que é ótimo, porque não estou com saco de esperar hoje. Estou com uma caixa de coisas do ex a tiracolo e uma mochila cheia de dever de casa para ser feito durante estas belas férias de verão. O dia de hoje está péssimo em todos os níveis.

Para completar, estou um caco, exausto, porque tive que levantar às sete por causa da recuperação. A vida é mesmo maravilhosa, não é? É cada tapa na cara que recebo do universo... Se bem que ultimamente ele tem usado um soco inglês e esmurrado sem piedade meu coração e minha autoestima.

Saio do elevador e vou entrando no apartamento de Dylan, sem bater ou tocar a campainha, porque esse é o nosso nível de intimidade. Como sou esperto, não faço o mesmo ao parar em frente ao quarto dele, porque da última vez que não bati à porta, há alguns meses, o peguei no flagra num momento bem íntimo, e não foi legal.

— Mão fora da calça? — pergunto.

— Infelizmente — responde Dylan, do outro lado.

Abro a porta. Dylan está sentado na cama, mandando mensagens no celular. Cortou o cabelo desde a última vez em que nos vimos, ontem à noite. Ele é o único garoto da minha idade que tem uma barba de respeito. Por um bom tempo, pensei que estivesse atrasado nesse lance de puberdade, já que nem um bigodinho dava o ar da graça, mas já vi que Dylan é que é a exceção; uma bela exceção, por sinal.

— Big Ben — anuncia Dylan, largando o telefone. — Luz da minha vida. Aquele para sempre preso à escola.

Recuperação já é algo chato por natureza, mas fica duas vezes pior por causa das piadas de Dylan, que começaram no dia em que saí da sala da diretora com as más notícias. Sorte a dele por não ter começado a namorar alguém que o convenceu a deixar os estudos de lado, achando que mesmo assim conseguiria tirar boas notas.

— Chega — falo, com um olhar de reprovação.

Apelidos fofos não são mesmo minha praia.

Ele aponta para o meu peito.

— Camisa maneira.

O guarda-roupa de Dylan é composto basicamente por camisas de cafeterias alternativas e descoladas de todos os cantos da cidade, e ele me deu a que estou usando, da Dream & Bean, na noite passada, quando foi jantar lá em casa. Dylan sempre separa algumas para mim para abrir um pouco de espaço na cômoda. Com as camisas favoritas ele costuma ser mais egoísta, como é o caso da de agora, mas quem sou eu para reclamar.

— Eu não tinha nada limpo para vestir — explico. — Esta camisa nem é tão maneira.

— Poxa, essa doeu. Mas tudo bem, já vi que hoje você não está num bom dia, por causa dessa caixa aí que está carregando. Você não ia entregar essas tralhas para o Hudson? O que aconteceu?

— Ele não foi à escola hoje.

— Matar o primeiro dia da recuperação me parece um mau começo — diz Dylan.

— Pois é. Perguntei a Harriett se ela podia levar para ele, mas ela se recusou. Então decidi mandar pelo correio, mas o envio prioritário é muito caro.

— E por que tinha que ser envio prioritário?

— Porque quero que a caixa suma da minha frente bem rápido.

— O envio regular faria o mesmo — retruca Dylan, arqueando uma das sobrancelhas. — Você não conseguiu, não é?

Largo no chão a caixa que deveria ter enviado ou jogado fora ou atirado em um rio presa a uma âncora.

— Para de tentar ver um significado por trás das besteiras que eu faço, são as minhas besteiras.

Dylan se levanta e me abraça, fazendo carinho nas minhas costas.

— Shh, shh, já passou.

— Sua voz tranquilizadora não está me tranquilizando.

Dylan me dá um beijo no rosto.

— Está tudo bem, Pudinzinho.

Eu me sento na cama dele e cruzo as pernas. Fico tentado a pegar o celular para ver se Hudson me mandou alguma mensagem, ou para checar se postou uma selfie nova no Instagram. Mas sei que não vai ter mensagem nenhuma, e também o excluí de todas as redes sociais.

— Não quero que ele se dê mal na recuperação só para me evitar. Ele vai se atrasar em todas as matérias se começar a faltar sempre.

— Talvez. Mas isso é problema dele. Se o Hudson não aparecer, você não vai ter que passar o verão com ele. Problema resolvido.

Até pouco tempo atrás, passar as férias ao lado de Hudson seria um sonho. Um verão de beijos na beira da piscina, de passeios românticos em parques e de pegação no quarto um do outro enquanto nossos pais estivessem no trabalho... Só que agora meu verão vai se resumir a ficar trancafiado numa sala de aula com meu ex-namorado porque passamos mais tempo aproveitando nossa química do que fazendo o dever de química.

— Queria que você estivesse nas trincheiras comigo — falo. — A melhor amiga dele está lá, o meu deveria estar também.

— Nossa, cara, quanta mágoa. Me lembra de nunca ser seu cúmplice em crime nenhum. Aposto que você seria pego em dois segundos e me entregaria rapidinho. — Dylan checa o telefone como se nem estivéssemos conversando, a atitude que eu mais detesto com relação aos humanos. — Imagina o drama que ia ser essa aula se eu fosse também. Não posso ficar no mesmo ambiente que a minha ex, não é saudável.

— Estou literalmente no mesmo ambiente que o meu ex, Dylan.

— Não, não está. Ele não apareceu, mas se por acaso aparecer, lembra que você está em vantagem na situação. Você é o vencedor moral dessa separação, porque a decisão de terminar foi sua. Imagina o clima péssimo que ia ficar se fosse ele quem tivesse terminado. Desse jeito, é só ruim.

Eu trocaria meu pobre reino por um universo onde *só ruim* não fosse uma vitória. Mas é a vida.

Términos provam que nunca se deve estragar o círculo de amizades com namoros. Sem querer apontar culpados, mas foram Dylan e Harriett que deram início a essa maldição. Nós quatro tínhamos um ótimo relacionamento até os dois se beijarem na véspera do Ano-Novo. Eu estava meio a fim do Hudson e tinha certeza de que ele também estava gostando de mim, mas naquela noite não nos beijamos, só balançamos a cabeça e demos de ombros, porque eu conhecia meu melhor amigo e ele conhecia a dele. Aquilo não ia durar. Talvez Hudson e eu nem consideraríamos a ideia de nos pegarmos se não tivéssemos passado tanto tempo sozinhos, enquanto Dylan e Harriett só tinham olhos um para o outro.

Sinto falta de quando éramos nós quatro e das saídas em grupo.

Eu me levanto e ligo o Wii, porque preciso me distrair um pouco e falar bobagens. O som da abertura triunfante de *Super Smash Bros.* reverbera da TV. O personagem principal do Dylan é o Luigi, porque ele acha o Mario superestimado. Já eu sou mais a Zelda, porque ela se teletransporta, desvia projéteis e atira bolas de fogo, ótimos movimentos para qualquer jogador que queira evitar um combate mano a mano.

Começamos a jogar.

— Em uma escala de tristeza, como você está se sentindo hoje?

— pergunta Dylan. — Triste como a sequência inicial de *Up*? Ou triste como a morte da mãe do Nemo?

— Uau, calma aí. Com certeza não como a abertura de *Up*. Aquilo foi devastador. Acho que estou em algum lugar entre esses dois, tipo triste como os últimos cinco minutos de *Toy Story 3*. Só preciso de um tempo para me recuperar.

— Sem dúvida. Ok, preciso te contar uma coisa.

— Você quer terminar comigo? — pergunto. — Porque isso não é nada legal.

— Mais ou menos. — Dylan faz uma grande pausa dramática enquanto martela sem parar um botão, fazendo Luigi atirar um zilhão de bolas de fogo verdes em Zelda. — Conheci uma garota num café.

— Essa é a frase mais Dylan que você já disse.

— Não é? — A risada dele é muito charmosa. — Então, depois da minha consulta ontem, fui conhecer esse café.

— Claro, você vai ao médico para ver como está seu coração e vai direto se encher de café. Você é uma caricatura de si mesmo, às vezes.

— É meu ritual anual — diz Dylan.

Ele tem um problema chamado prolapso da válvula mitral, também conhecido como sopro no coração. Não é tão ruim quanto o nome sugere, pelo menos não no caso do Dylan. Não sei o que ele faria se os médicos realmente o proibissem de tomar café.

— Enfim... Passei pela Kool Koffee, que nunca achei grandes coisas, porque você sabe que não vejo graça em lugares com essa vibe “frases engraçadinhas”, e então a garota saiu para jogar o lixo fora, e eu fiquei completamente embasbacado.

— Como sempre.

— Mas não podia entrar lá usando uma camisa de outro café, o que era o caso.

— Por que não?

— Você entra no Burger King com um McLanche Feliz? Não. Isso é desrespeito. A pessoa tem que ter um pouco de bom senso nessas horas.

— Meu bom senso está me dizendo para fazer novos amigos.

— Só não queria ser desrespeitoso.

— Você acabou de me desrespeitar.

— Estou falando dela.

— É claro. Espera. Foi por isso que você me deu essa camisa ontem à noite?

— Sim. Entrei em pânico.

— Você é tão estranho. Continua.

— Encarei a Kool Koffee hoje vestido apropriadamente... — Dylan mostra sua camisa azul lisa. Bonita e neutra. — ... E ela estava cantarolando uma música do Elliott Smith enquanto preparava o *espresso* de alguém, e pronto... já era. Big Ben, de uma

hora para outra, eu tinha uma futura esposa e um fornecimento ilimitado de café.

É muito difícil ficar feliz ao ver alguém se apaixonando quando claramente acabei de sofrer uma perda no mesmo departamento, mas é o Dylan.

— Mal posso esperar para conhecer minha futura cunhada.

— Você se lembra daquele post do BuzzFeed com o casamento no estilo Harry Potter? Samantha e eu faremos algo com tema de café. Todos usarão aventais de baristas. E vão brindar com canecas. Meu rosto vai vir desenhado no *espresso* de todos os convidados.

— Você cansa minha beleza.

— Mas tem um problema.

— Ela já tem um problema?

— Ela é uma grande defensora da Kool Koffee, porque eles doam parte dos lucros para instituições de caridade, e também acha que as pessoas que levam café a sério deviam pensar melhor sobre os lugares onde estão comprando. Tá o problema, entende? Eu não estou pronto para ter uma relação monogâmica com a Kool Koffee.

— Ela pediu mesmo para você fazer isso?

— Não, mas... ela pediu sem pedir. E quando você encontra a pessoa certa, precisa estar disposto a fazer sacrifícios.

— Você não vai conseguir abandonar a Dream & Bean.

— Mas é claro que não. Só vou parar de beber na frente da Samantha. O que os olhos não veem, o coração não sente.

— Só você para fazer *tomar café* soar como algo reprovável.

— De qualquer forma, coloquei outras camisetas de cafés na sua gaveta, para não me sentir tentado.

Dou uma olhada nas peças, porque talvez haja coisa boa ali. E sim, tenho uma gaveta no quarto dele e ele tem uma no meu. Já dormimos tantas vezes na casa um do outro que faz sentido. Na escola, quando eu ainda estava me acostumando com a ideia de ter saído do armário, eu me sentia muito desconfortável na academia e nas aulas de Educação Física, como se todos achassem que eu ia

dar uma conferida neles. Por isso é muito legal ter um amigo como Dylan, que não liga de se trocar na minha frente ou quando eu me troco na frente dele. Espero não perder sua companhia incrível novamente, como acontece toda vez que ele conhece a pessoa *certa*.

— Espera. Por que você não me contou sobre a Samantha ontem à noite quando foi lá em casa? — pergunto.

— Sei lá — diz ele.

Como se fosse uma resposta satisfatória. Como se eu fosse apenas dizer “Ah, ok” e voltar a detoná-lo no *Super Smash Bros*.

— Você nunca me conta logo que fica a fim de alguém.

— Me dê um exemplo — pede ele.

— Gabriella, Heather, Natalia e...

— Conte uma vez.

— ... e Harriett. É estranho. Contamos tudo um ao outro.

— Ah, acho que só estou tentando não dar muita chance ao azar. Sabe aquela história que meu pai sempre conta, de como ele teve certeza de que se casaria com a minha mãe quando se conheceram ainda no primeiro ano? Eu estou sentindo a mesma coisa com a Samantha.

Ajo como se já não tivesse ouvido Dylan dizer isso antes, mais recentemente a respeito de Harriett, com quem ele terminou em março, e deixo quieto. Talvez dê certo dessa vez. Continuamos jogando enquanto Dylan cogita que nome de bebida quente ele e Samantha deveriam dar ao primogênito, e me recuso a ser o tio Ben de qualquer criança chamada Sidra.

Sinto um pouco de ciúmes por Dylan estar nessa fase de seu novo romance em que parece que tudo é possível. Como se Samantha pudesse realmente ser o amor de sua vida. Como quando achei que Hudson seria o meu. Como quando eu mal podia esperar para acordar e ver o rosto dele — seus olhos lindos e preguiçosos, a pequena saliência em seu nariz, as sobrancelhas escuras insinuantes que não combinavam com seu cabelo ruivo curto. A maneira como ele mudou minha visão de mundo, como quando dava um chega pra lá nos idiotas da escola que

o provocavam pelo seu jeito afeminado; e como me ajudou a superar minhas concepções idiotas sobre como um homem deveria ser ou parecer. E o nervosismo antes de fazermos sexo pela primeira vez em março, sem saber se ia ser bom ou não. Spoiler: foi incrível.

Talvez eu possa me sair tão bem na escola esta semana que os professores decidam que não preciso ficar preso tendo aula o mês inteiro, e então consiga me livrar do Hudson.

Embora, verdade seja dita, eu provavelmente ficasse de recuperação mesmo que o meu caminho nunca tivesse cruzado o dele. Não sou muito disciplinado com os estudos.

— Você sempre vai ser o número um, Big Ben — diz Dylan.

— Até o bebê Sidra nascer.

— Ai de você se me trocar por um bebê.

— Empate?

Dou de ombros.

— Empate.

— Você não vai ficar solteiro por muito tempo, cara — diz Dylan, como se tivesse uma bola de cristal. — É alto, tem esse cabelo de ator de Hollywood, é estiloso, mas sem parecer forçado. Se eu já não estivesse com a srta. Samantha Logo-Descobrirei-Seu-Sobrenome-Para-Usar-Com-Boggs, tenho certeza de que você me faria trocar de time em um ano.

— Que fofo, Dylan. Você sabe que o meu maior sonho é fazer alguém se tornar gay por minha causa.

Não saio por aí correndo atrás de caras héteros, mas se algum quisesse experimentar para ver como é... Bem-vindo à Casa Alejo. Deixe os sapatos na porta, ou traga-os para a cama com você, se você é do tipo que gosta dessas coisas.

Venço a primeira partida porque eu sou eu e começamos outra.

— Vamos falar agora sobre o verdadeiro motivo de você não ter enviado a Caixa do Término — diz Dylan, como se a qualquer momento fosse me cobrar a consulta.

— Só se você parar com essa voz de terapeuta — peço.

— Talvez possamos começar tentando entender por que meu tom o incomoda. Ele faz você se lembrar de alguma figura de autoridade?

Nocauteio Dylan no jogo e levanto o dedo do meio para ele na vida real.

— Eu só... achei que teria a chance de entregar a caixa pessoalmente e sentir que pus um ponto final na história. Mas aí ele não apareceu na escola e, de repente, estou nos correios conversando com um cara sobre o Hudson quando começa um flash mob e...

— Espera. Volta um pouco.

— Pois é, um flash mob. Estavam dançando aquela música do Bruno Mars e...

— Não. O cara. O quê? Quem?

Dylan se vira para mim, mais uma vez desprezando a feitiçaria complexa do botão de pausa.

— Você é um ridículo mesmo — diz ele. — Fica fazendo eu me sentir mal por você e já está aí dando em cima de alguém.

— O quê? Não. Nada a ver, cara. A última coisa que eu quero é dar em cima ou correr atrás de alguém.

— Por que não? Quem é esse garoto dos correios? Nome. Endereço. Identidade. Conta do Twitter e do Instagram.

— Arthur. Não sei o sobrenome dele. E definitivamente não sei o endereço. Muito menos as redes sociais, mas, já que tocamos no assunto, por que as pessoas não podem ter apenas uma conta para tudo?

— Humanos são complexos. — Dylan assente com um ar de sabedoria. — O que você sabe sobre ele?

— Que é novo na cidade. Veio da Geórgia e vai ficar aqui por um tempo. Estava usando a gravata mais ridícula do mundo.

— Gay?

— Sim.

É sempre legal descobrir logo se um cara bonito é gay ou não. Tentar resolver esse mistério sozinho não é divertido e raramente vale a pena.

— Gostei, hein? Estou sentindo que rolou um clima.

Dylan se abana.

— Sim, ele é fofo. Mais baixo do que eu gostaria. Acho que 1,70m, talvez 1,68m sem as botas. Olhos azuis de Photoshop, tipo um alienígena.

Dylan bate palmas.

— Ok. Já me ganhou. Agora só consigo pensar em você com o garoto baixinho com olhos de alienígena. Já estou *shippando* vocês.

Balanço a cabeça e largo o controle.

— Dylan, não. Nem pensar. Sou uma péssima ideia para qualquer um no momento. Preciso me *shippar* comigo mesmo por um tempo.

— Você nunca é uma péssima ideia, Big Ben.

— Que fofo, cara. Obrigado.

— Num futuro não muito distante, nós vamos beber muito, vou me convidar para ir à sua casa às duas da manhã, e vamos... ficar bem agarradinhos. E prometo não dizer que foi uma péssima ideia na manhã seguinte.

— Você arruinou o momento todo.

— Desculpa. De volta ao jogo — diz Dylan. — Você está sendo muito duro consigo mesmo. Só porque Hudson é um idiota que não te deu valor não significa que o próximo vai fazer a mesma coisa. E, caramba, você conheceu um cara fofo com péssimo gosto para gravatas no mesmo dia em que estava deixando seu ex para trás. Isso é um sinal.

Eu me lembro do que Arthur e eu conversamos sobre o universo, e o garoto volta à minha mente. Ele não é como os caras bonitos que sempre vejo pela cidade e com quem me imagino vivendo uma história de amor épica, mas de quem me esqueço uma hora depois. Os dentes de Arthur eram superbrancos, e o canino meio lascadinho. Cabelo castanho bagunçado. Arrumado demais para alguém da nossa idade; um alienígena provavelmente se vestiria assim se viesse de outro sistema solar e

estivesse tentando se passar por um adulto, mas não percebesse que tinha um rosto de bebê. Eu não deveria ter saído correndo dos correios daquele jeito. Talvez Dylan esteja certo, e eu tenha ignorado um sinal.

— É melhor eu ir andando — murmuro, meio pra baixo. — Hora do dever de casa.

— Numa segunda-feira de férias. Isso aí, aproveitando a vida ao máximo.

Dylan se levanta da cama e me abraça.

— Ligo para você mais tarde — aviso.

— Se eu não estiver falando com a Samantha, posso até atender. E eu não sei? Realmente espero não perder meu melhor amigo e meu namorado no mesmo verão.

Já estou saindo quando Dylan me chama.

— Não está esquecendo nada? — Dylan olha para a Caixa do Término. — De propósito? Posso *cuidar* disso, se você quiser. Coloco uma máscara de esqui, um par de luvas e entrego essa porcaria na calada da noite. Ninguém precisa saber que fomos nós.

— Você precisa de ajuda — falo, e pego a caixa. — Eu cuido disso, pode deixar.

Ainda não sei se estou mentindo ou não.

Ao chegar em casa, me sento à escrivaninha e ligo o laptop, que demora alguns minutos para carregar porque não é exatamente o modelo mais novo, nem mesmo o modelo antigo mais recente. Jogar *The Sims* seria muito mais fácil se eu tivesse um computador mais moderno.

Eu deveria mesmo fazer o dever de casa, mas me concentrar em química já era difícil quando não havia ao meu lado uma caixa cheia de lembranças de um relacionamento que deveria ser tudo e já não é mais nada, imagina agora. Às vezes procuro focar no que deu certo no relacionamento, para não ficar tão arrasado: Hudson descansando o rosto no meu ombro durante nossos abraços no fim do dia, quase como se não quisesse ir para casa ou

mesmo se afastar alguns centímetros que fossem de mim. E o jeito como ele me olhava, como se me notasse de verdade, mesmo que estivesse virado para outro lado ou conversando com outra pessoa. E ler livros junto com ele — cada um lendo um pedaço. E carregar meu celular no filtro de linha em forma de raio para podermos ficar no FaceTime até tarde da noite.

Mas esse Hudson deixou de existir quando o divórcio de seus pais foi finalizado, em 1º de abril, após vinte anos de casamento. Hudson jurava que era uma brincadeira ridícula de Dia da Mentira da mãe, porque ele achava que os dois logo se entenderiam novamente. Mesmo quando seus pais anunciaram que estavam se separando e sua mãe se mudou do Brooklyn para Manhattan, Hudson ainda tinha esperança de que reatassem. Ele parecia aquelas crianças de filme que criam um plano mirabolante para fazerem os pais se apaixonarem novamente.

Ver um amor em que ele realmente acreditava desmoronar daquele jeito não estava sendo nada bom para o nosso namoro. Estávamos megafora de sincronia. Em vários momentos ele me afastou, não me queria por perto para consolá-lo, e em vários outros ele foi um verdadeiro babaca, tratando nosso amor com descaso. Até que meu coração chegou ao limite do que podia sofrer e precisei me afastar. Dei a ele várias chances... *nos* dei várias chances. Eu simplesmente não era bom o suficiente para lembrá-lo de que o amor poderia ser uma coisa boa.

Meu laptop finalmente terminou de ligar. Tenho que relaxar um pouco antes do dever de casa, então abro meu romance de fantasia de autoinserção em que venho trabalhando desde janeiro. Foi a única vez em que de fato cumpri uma resolução de Ano-Novo, e estou obcecado pela minha história. *A Guerra do Mago Perverso* — AGMP, para simplificar — é algo só meu, mas talvez um dia eu possa compartilhar com o mundo. Ou pelo menos com Dylan, que está morrendo de curiosidade para saber mais sobre o personagem que fiz baseado nele.

Volto para onde parei da última vez.

É uma cena com o personagem de Hudson e começa bem simples. Ben-Jamin e Hudsonien saem escondidos do Castelo Zen tarde da noite e entram no bosque escuro para um encontro romântico. Ben-Jamin afasta a névoa com seus poderes de vento, e, minha nossa... uma gangue de Sugadores de Vida aparece de repente para acabar com Hudsonien. Que lástima. Dou uma descrição detalhada da imensa guilhotina que vão usar para decapitá-lo, porque adoro uma boa descrição. E, bem quando os Sugadores de Vida soltam a lâmina, eu desligo o computador.

Não posso fazer isso.

Não estou pronto para matar Hudson... Hudsonien.

Ou jogar a caixa fora.

Talvez possamos conversar e resolver as coisas. Encerrar de fato nosso relacionamento. Sem dramas. E então nos tornarmos realmente amigos.

Quero saber como ele está.

Meu coração dispara enquanto entro no Instagram dele, @HudsonComoORio. Ele postou uma selfie uma hora atrás, e não sei por que Harriett disse que Hudson estava doente, porque parece bem saudável para o meu gosto. Está fazendo o sinal da paz com os dedos, e a legenda diz *#seguindoemfrente*. Está bem claro qual dedo ele deveria ter levantado, na verdade.

Hudson deve saber que deixei de segui-lo. Assim como me conhece bem o bastante para saber que eu entraria em seu Instagram de qualquer maneira, já que o perfil dele não é fechado como o meu. Mas, se está tão pronto para seguir em frente, podia ter dado as caras na escola.

Mas e se ele realmente tiver seguido em frente? Ele disse que o cara da festa não mora em Nova York, mas talvez seja um relacionamento a distância. Eu já cheguei a pensar alguma vez que ele tinha uma quedinha pelo Danny, da aula de matemática, mas ele me jurou de pés juntos que Danny não fazia o seu tipo — muito sarado, muito obcecado por carros. Talvez seja outra pessoa.

Quero dizer, também posso *#seguirem frente*. O universo definitivamente não estava tentando me ajudar hoje, ou nesse momento eu estaria mandando mensagens para Arthur, e não investigando meu ex-namorado. Mas não consigo parar de pensar no que Dylan disse, apelando para meu lado romântico. Isso, inclusive, era um dos meus problemas com Hudson. Quando terminamos, ele disse que crio expectativas altas demais e que faço muitos planos. Não entendo por que isso é tão ruim. Por que eu não deveria querer ficar com alguém que me valoriza? Alguém que quer ficar comigo a longo prazo?

Não sei como encontrar estranhos bonitos em Nova York. Geralmente os vejo uma vez e depois nunca mais. Mas falei com Arthur. Sei o nome dele. Saio do perfil de Hudson e digito *Arthur* na barra de pesquisa e, quem diria, o universo não coloca o Arthur que conheci no topo da lista só para facilitar minha vida. Não faço ideia se Arthur tem Instagram, mas se é como todo mundo na escola, deve postar sobre cada detalhe da sua vida no Twitter. Digito *Arthur gravata cachorro-quente* para ver se ele disse alguma coisa sobre sua gravata ridícula. Nada além de um tweet sobre um concurso de comer cachorro-quente do qual participou um cara chamado Arthur e um mau perdedor que deu gravata em outro concorrente. Digito *Arthur Geórgia*, e só aparecem coisas aleatórias, como uma garota chamada Geórgia maratonando todos os filmes do Rei Arthur, e nada sobre o Arthur dos Correios que veio da Geórgia para passar o verão em Nova York.

Droga.

Moro em Nova York, então o Arthur dos Correios não vai simplesmente aparecer de novo na minha vida. Mas tudo bem, acho. Não ia acontecer nada entre a gente, mesmo.

Obrigado por nada, universo.

Em *Com amor, Simon*, Becky Albertalli conquistou o público jovem com sua narrativa sensível e apaixonante sobre um menino gay prestes a viver uma grande história de amor. Em *E se fosse a gente?*, ela se une ao escritor Adam Silvera para narrar o encontro de dois garotos que não poderiam estar em momentos mais diferentes da vida, mas que vão desafiar os poderes do universo para ficarem juntos.

De férias em Nova York, Arthur está determinado a viver uma aventura digna de um musical da Broadway antes de voltar para casa. Já Ben acabou de terminar seu primeiro relacionamento, e tudo o que mais quer é se livrar da caixa com todas as lembranças do ex-namorado.

Quando eles se conhecem em uma agência dos correios, parece que o universo está mandando um recado claro. Bem, talvez não tão claro assim, já que os dois acabam tomando rumos diferentes sem ao menos saberem o nome ou telefone um do outro.

Em meio a encontros e desencontros — sempre embalados por referências a musicais e à cultura pop —, Ben e Arthur se perguntam: e se a vida não for como os musicais da Broadway e os dois não estiverem destinados a ficarem juntos? Mas e se estiverem? Aos poucos, eles percebem que às vezes as coisas não precisam ser perfeitas para darem certo e que os planos do universo podem ser mais surpreendentes do que eles imaginam.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/900/

